

KAREN THOMPSON WALKER

A IDADE DOS
MILAGRES



Tradução
CHRISTIAN SCHWARTZ

PA
BA
GI
IA

Copyright © 2012 by Karen Thompson Walker
Todos os direitos mundiais reservados a Karen Thompson Walker

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Age of Miracles

CAPA Juliana Vidigal

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Carlo Giovanni

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walker, Karen Thompson

A idade dos milagres / Karen Thompson Walker ;
tradução Christian Schwartz. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2012.

Título original: The Age of Miracles.

ISBN 978-85-65530-08-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-07422

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br

1

Não percebemos logo de cara. Não sentimos nada.

No começo, não notamos o tempo extra despontando nos contornos suaves de cada dia como um tumor crescendo sob a pele.

Nessa época, o clima e a guerra distraíam nossa atenção. A rotação do planeta não nos interessava. Bombas continuavam a explodir nas ruas de países distantes. Furacões chegavam e passavam. O verão terminava. Um novo ano letivo começava. Os relógios tiquetaqueavam como sempre. Segundos pingando para formar minutos. Minutos se somando em horas. E não havia nada que sugerisse que essas horas, por sua vez, não estivessem mais se agrupando em dias com a duração fixa conhecida de todos os seres humanos.

Mas houve quem, mais tarde, alegasse ter percebido o desastre antes de todo mundo. Aqueles que trabalhavam à noite, seguranças de cemitérios, os responsáveis por reabastecer as prateleiras, carregadores de caminhões, motoristas de carretas, ou ainda sofredores dos mais diversos: pessoas insones, perturbadas, doentes. Aqueles acostumados à vigília. Através de seus olhos avermelhados, alguns de fato detectaram certa escuridão persistente nas manhãs que antecederam o anúncio, mas todos, erroneamente, encararam tal percepção como equívoco de uma mente solitária e agitada.

No dia 6 de outubro, os especialistas fizeram o anúncio. Esse, claro, é o dia de que todos nos lembramos. Tinha ocorrido uma mudança, eles disseram, uma *desaceleração*, e foi assim que, a partir dali, passamos a tratar aquilo como *a desaceleração*.

“Não temos como saber se essa tendência vai continuar”, declarou um tímido cientista barbudo, numa coletiva de imprensa montada às pressas, hoje tristemente célebre. Ele pigarreou e engoliu em seco. Flashes de câmeras apareciam refletidos em seus olhos. E então veio aquele momento, repri-sado tantas vezes depois que a cadência particular da fala do cientista — suas hesitações e pausas, aquele olhar de esguelha do Centro-Oeste — ficou para sempre relacionada à notícia em si. Ele prosseguiu: “Mas suspeitamos que sim, vai continuar”.

As noites haviam se alongado em cinquenta e seis minutos.

No início, as pessoas ficavam paradas na rua e gritavam coisas sobre o fim do mundo. Orientadores apareceram para falar com a gente na escola.

Lembro que vi o sr. Valencia, na casa vizinha, estocando pilhas de comida enlatada e garrafas d'água na garagem, como se estivesse se preparando, agora percebo, para um desastre bem menos grave.

Logo as mercearias estavam sem estoque, as prateleiras tinham sido sugadas até o osso, como a carne do frango.

As rodovias ficaram imediatamente congestionadas. Ao ouvir a notícia, todo mundo queria fugir. Famílias amontoadas em minivans cruzavam as divisas entre os estados. Saíam em disparada para todos os lados como pequenos animais flagrados, de repente, pela luz de uma lanterna.

Mas, claro, não havia lugar na Terra para onde ir.

2

A notícia chegou num sábado.

Na nossa casa, ao menos, a mudança havia passado despercebida. Ainda dormíamos quando o sol surgiu naquela manhã, de modo que não percebemos nada de diferente no horário do alvorecer. Aquelas últimas horas antes de ficar sabendo da desaceleração permanecem na minha memória — mesmo tantos anos depois —, como se estivessem aprisionadas em um pote de vidro.

Minha amiga Hanna tinha dormido em casa, e ficamos em sacos de dormir no chão da sala, onde, em outras centenas de noites, dormíamos lado a lado. Acordamos com o ruído surdo dos cortadores de grama, com o latido dos cães e com o ranger de um trampolim do qual os gêmeos, nossos vizinhos, saltavam. Dentro de uma hora, estaríamos ambas vestidas com uniformes azuis de futebol — cabelos presos, protetor solar passado, chuteiras ecoando no piso.

“Tive um sonho muito estranho esta noite”, disse Hanna. Ela estava de barriga para baixo, a cabeça apoiada nos braços, os longos cabelos loiros embaraçados. Tinha uma beleza esbelta que eu gostaria de ter.

“Você sempre tem sonhos estranhos”, eu disse.

Ela abriu o zíper do saco de dormir e se sentou, puxando os joelhos contra o peito. De seu pulso fino pendia um bracelete de pingentes de ouro e prata. Um dos pingentes era a metade de um coração de latão. A outra metade ficava comigo.

“No sonho, eu estava em casa, mas não era minha casa”, ela prosseguiu. “Estava com minha mãe, mas não era minha mãe. Minhas irmãs não eram minhas irmãs.”

“Quase nunca me lembro dos meus sonhos”, eu disse, e levantei para soltar os gatos presos na garagem.

Naquela manhã, meus pais faziam aquilo que, na minha memória, faziam todas as manhãs: liam o jornal na mesa da cozinha. Ainda consigo vê-los sentados ali: minha mãe de roupão verde, o cabelo úmido, passando rapidamente as páginas, enquanto meu pai, em silêncio, vestido para sair, lia as matérias, que apareciam refletidas em seus óculos, uma a uma, na ordem.

Meu pai guardaria o jornal daquele dia durante muito tempo — pre-

servado como uma relíquia, dobrado cuidadosamente ao lado do exemplar do dia em que nasci. Suas páginas, impressas antes da divulgação da notícia, relatavam um aumento nos preços dos imóveis da cidade, a erosão crescente em diversas praias, planos para um novo viaduto. Naquela semana, um surfista local havia sido atacado por um grande tubarão-branco; agentes da patrulha de fronteira tinham descoberto um túnel de quase cinco quilômetros de extensão, dois metros abaixo da terra, cavado para o transporte de drogas entre o México e os Estados Unidos; e o corpo de uma menina, desaparecida havia tempo, fora encontrado enterrado sob um monte de pedras brancas no deserto imenso e vazio a leste. Os horários do nascer e do pôr do sol naquele dia apareciam num quadrinho na última página, previsões que, claro, não se cumpriram.

Meia hora antes de saber da notícia, minha mãe saiu para comprar pão.

Acho que os gatos sentiram a mudança antes de nós. Eram dois siameses, mas de tipos diferentes. Chloe era dorminhoca, delicada e meiga. Tony era o oposto: uma criatura velha e ansiosa, possivelmente com alguma doença mental, um gato que arrancava o próprio pelo e largava aos montes pela casa, deixando pequenas bolotas à deriva pelo carpete.

Naqueles minutos derradeiros, enquanto eu despejava comida nas tigelas deles, as orelhas dos dois começaram a girar incontrolavelmente na direção do jardim. Talvez sentissem, de alguma forma, uma mudança no ar. Eles conheciam o ruído do Volvo da minha mãe estacionando na entrada da garagem, mas fiquei me perguntando, mais tarde, se não perceberam também o giro mais rápido e incomum dos pneus, devido à pressa com que ela estacionou, ou o pânico demonstrado no estalo seco do freio de mão sendo puxado.

Em pouco tempo, até mesmo eu já podia detectar a intensidade do estado de espírito dela pelas batidas de seus pés contra o chão da varanda, pelo chacoalhar desordenado das chaves contra a porta — ela tinha escutado aqueles primeiros comunicados, hoje célebres, no rádio do carro quando voltava para casa.

“Liguem a televisão agora mesmo”, disse. Ela estava sem fôlego e suada. Largou as chaves na fechadura, onde ficariam o resto do dia. “Algo horrível está acontecendo.”

Estávamos acostumados à retórica da minha mãe. Ela aumentava tudo o que dizia. Empolgava-se. Exagerava. “Algo horrível” podia significar qualquer coisa. Era uma expressão que implicava mil possibilidades, como uma rede extensa, a maioria delas inofensiva: dias de muito calor, engarrafamentos,

canos vazando e filas longas. Até fumaça de cigarro, se chegasse muito perto, podia virar *algo realmente horrível*.

Demoramos a reagir. Meu pai, que usava uma camiseta amarela dos San Diego Padres, permaneceu exatamente onde estava, à mesa, com uma das mãos na xícara de café e a outra na nuca, terminando de ler um artigo do caderno de negócios. Avancei sobre o pacote de pão para abri-lo, rasgando o papel com os dedos. Até Hanna conhecia minha mãe o suficiente para continuar procurando o cream cheese na prateleira inferior da geladeira.

“Vocês estão vendo isso?”, perguntou minha mãe. Não estávamos.

Ela fora atriz um dia. Os velhos comerciais em que atuara — a maioria de produtos para o cabelo ou para a cozinha — jaziam numa pequena pilha de fitas de vídeo empoeiradas, ao lado da tv. As pessoas viviam me dizendo como ela tinha sido bonita quando jovem, e eu ainda conseguia vislumbrar essa beleza na pele conservada e nas maçãs pronunciadas do rosto, mas ela ganhara peso na meia-idade. Agora era professora no ensino médio, dividindo-se entre uma aula de teatro e quatro de história. Morávamos a cento e cinquenta quilômetros de Hollywood.

Ela pisava nos nossos sacos de dormir, a meio metro da televisão. Quando penso nisso agora, imagino-a com uma das mãos em concha cobrindo a boca, do jeito que sempre fazia quando estava preocupada, mas, na hora, só senti vergonha por ela estar com as solas pretas do tênis de corrida em cima do saco de dormir de Hanna, daqueles bonitinhos, de algodão, rosa com bolinhas, feito exclusivamente para os carpetes macios de casas com aquecimento, e não para as dificuldades de um acampamento de verdade.

“Vocês me ouviram?”, perguntou minha mãe, voltando-se para olhar para nós. Minha boca estava cheia de pão com cream cheese. Uma casquinha tinha se instalado entre meus dois dentes da frente. “Joel!”, ela gritou para meu pai. “Estou falando sério. É uma barbaridade.”

Meu pai levantou os olhos do jornal, mantendo o indicador firme no ponto em que interrompera a leitura. Como poderíamos saber que as maquinações do universo justificariam, finalmente, os arroubos verbais da minha mãe?

3

Como californianos, estávamos acostumados aos movimentos da Terra. Entendíamos que o chão podia se mover e tremer. Mantínhamos pilhas em nossas lanternas e galões d'água em nossos armários. Aceitávamos o fato de que nossas calçadas podiam aparecer rachadas de repente. A água das piscinas às vezes vibrava como numa tigela. Éramos todos treinados a rastejar sob mesas e ficar alerta a vidro estilhaçado. No começo do ano letivo, cada um estocava num saco grande itens não perecíveis para o caso de sermos surpreendidos na escola pelo Grande Abalo. Mas nós, californianos, não estávamos mais preparados para aquela calamidade do que aqueles cujas casas se erguiam sobre solo mais estável.

Quando finalmente compreendemos o que estava acontecendo naquela manhã, Hanna e eu corremos para fora a fim de conferir se havia alguma evidência do fenômeno no céu. Mas o céu era apenas o céu — normal, sem nuvens, azul. O sol brilhava inalterado. A brisa de sempre soprava do mar e o ar tinha o aroma costumeiro daquele tempo, de grama cortada, madressilvas e cloro. Os eucaliptos ainda se agitavam ao vento como anêmonas-do-mar e o chá gelado que minha mãe sempre fazia no verão parecia quase pronto. À distância, para além da cerca dos fundos, ecoava o ruído da rodovia. Os cabos de transmissão de energia zuniam. Se lançássemos uma bola de futebol para o alto, talvez nem reparássemos que ela caía mais rápido, que batia com mais força no solo do que antes. Eu tinha onze anos e morava no subúrbio. Minha melhor amiga estava ali, ao meu lado. Eu não conseguia perceber nada fora do lugar ou faltando.

Na cozinha, minha mãe já inspecionava o que havia de itens básicos nas prateleiras, abria e fechava armários e conferia o conteúdo das gavetas.

“Só quero confirmar se todo o material de emergência está aqui”, ela explicou. “Não sabemos o que pode acontecer.”

“Acho melhor eu ir para casa”, disse Hanna, ainda com seu pijama roxo, os braços apoiados na cintura fina. Ela não tinha penteado o cabelo, que demandava cuidados, uma vez que não era cortado desde a segunda série. Por alguma razão, todas as meninas mórmons que eu conhecia tinham cabelo comprido. O de Hanna ia quase até a cintura e afinava nas pontas, parecendo chamas.

“Minha mãe deve estar assustada também”, ela disse.

A casa de Hanna era lotada de irmãs, mas a minha era de filha única, e os cômodos sempre pareciam muito vazios sem ela. Eu nunca gostava de vê-la ir embora.

Ajudei-a a enrolar o saco de dormir. Ela arrumou a mochila.

Se soubesse quanto tempo levaria para que a gente se visse de novo, teria me despedido de uma maneira diferente. Mas apenas acenamos uma para a outra, Hanna e eu, e então meu pai a levou para sua casa, a três quadras dali.

Não havia imagens para mostrar na televisão, nada de prédios em chamas ou pontes caídas, nada de metal retorcido ou terra arrasada, nada de casas se equilibrando na laje. Não havia feridos. Não havia mortos. De início, era uma catástrofe quase invisível.

Acho que isso explica por que a primeira coisa que senti não foi medo, mas excitação. Era emocionante — uma faísca repentina em meio ao ordinário, o brilho do inesperado.

Mas minha mãe estava apavorada.

“Como isso foi acontecer?”, ela repetia.

Ela ficava prendendo e soltando o cabelo. Tinha um cabelo escuro, lindo, em parte graças à tintura.

“Será que foi um meteoro?”, perguntei. Estávamos estudando o universo nas aulas de ciências, e eu tinha memorizado a ordem dos planetas. Sabia os nomes de todas as coisas que flutuavam no espaço. Cometas, buracos negros e agrupamentos de rochas gigantes. “Ou uma bomba nuclear?”

“Não é uma bomba nuclear”, disse meu pai. Dava para ver seus músculos se contraírem na altura da mandíbula enquanto olhava para a televisão. Ele mantinha os braços cruzados e os pés bem separados. Não se sentava.

“Até certo ponto, podemos nos adaptar”, um cientista estava dizendo na tv. O cientista tinha um pequeno microfone ajustado ao colarinho, e um repórter tentava arrancar as piores previsões dele. “Mas, se a rotação da Terra continuar a diminuir — e isso é apenas uma especulação —, eu diria que podemos esperar mudanças radicais no clima. Vamos assistir a terremotos e tsunamis. É possível que plantas e animais sejam extintos. A água do oceano pode começar a correr na direção dos polos.”

Às nossas costas, as persianas farfalhavam com a brisa e um helicóptero zumbiu ao longe, a vibração de suas hélices reverberando para dentro de casa através da proteção nas janelas.

“Mas o que poderia causar algo assim?”, perguntou minha mãe.

“Helen”, respondeu meu pai, “sei tanto quanto você.”

Todos nos esquecemos do jogo de futebol daquela manhã. Meu uniforme permaneceria dobrado numa gaveta pelo resto do dia. Minhas caneleiras ficaram intocadas no fundo do guarda-roupa.

Soube mais tarde que só Michaela apareceu no campo, atrasada como sempre, com uma presilha nas mãos, o cabelo comprido desarrumado, os cachos ruivos ao vento, entrando em sua boca enquanto subia correndo a colina até o campo, só de meias — para, por fim, constatar que não havia uma única menina aquecendo, uma única camiseta azul ondulando ao vento, uma única trança chicoteando o ar, um único pai, nem o treinador, no gramado. Nada de mães de viseira bebericando chá gelado, ou pais de chinelo andando perto da linha lateral. Tampouco caixas de gelo, cadeiras de praia, laranjas cortadas. O estacionamento de cima, ela deve ter notado então, estava vazio. Só as redes dos gols, vibrando silenciosamente, davam prova de que ali algum dia se praticara futebol.

“E você sabe como é minha mãe”, diria Michaela dias depois, no almoço, recostada num muro com displicência, imitando a pose sexy das meninas da sétima série. “Já tinha ido embora quando voltei para o estacionamento.”

A mãe de Michaela era a mais jovem de todas. Mesmo a mais descolada das outras mães tinha pelo menos trinta e cinco anos, e a minha já chegara aos quarenta. A de Michaela tinha só vinte e oito, fato que sua filha negava, mas que todos sabíamos ser verdade. Ela estava sempre com um namorado diferente. Pele lisa e corpo firme, seios empinados e coxas esbeltas — somando tudo, havia ali algo de escandaloso que percebíamos apenas vagamente, mas que certamente *percebíamos*. Michaela era a única criança que eu conhecia que morava em apartamento e não tinha um pai.

Sua jovem mãe nem ficou sabendo da novidade.

“Você não viu nada na televisão?”, perguntei a Michaela durante a semana.

“A gente não tem tevê a cabo, lembra? Nunca ligo a televisão.”

“E o rádio do carro?”

“Está quebrado”, ela explicou.

Mesmo em dias normais, Michaela sempre precisava de carona. No dia do anúncio da desaceleração, quando o resto de nós soube da notícia na própria sala, Michaela, extraviada no campo de futebol, ficou mexendo num antigo telefone público quebrado, havia muito esquecido pelo pessoal da manutenção — quase todo mundo tinha celular mesmo —, até que o treinador apareceu por lá para avisar a quem por acaso fosse que o jogo havia sido cancelado, ou pelo menos adiado, e a levou de volta para casa.

Por volta de meio-dia, as emissoras não tinham mais informações. Fatos novos estavam em falta, e mesmo assim os programas se sucediam, reavivando a mesma notícia. Não importava, estávamos hipnotizados.

Passei o dia inteiro sentada no tapete, a poucos metros da televisão, com meus pais. Ainda lembro como me senti naquelas horas estranhas. Era quase uma necessidade física: saber tudo o que fosse possível.

De quando em quando, minha mãe fazia a ronda das torneiras da casa, uma por uma, inspecionando a cor e a transparência da água.

“Não vai acontecer nada com a água, querida”, meu pai dizia a ela. “Não é um terremoto.”

Ele segurava os óculos nas mãos e limpava as lentes com a camiseta, como se tudo não passasse de um problema de visão. Sem os óculos, os olhos do meu pai pareciam muito pequenos, e ele ficava meio vesgo.

“Você está se comportando como se não fosse grande coisa”, respondeu minha mãe.

As divergências entre os dois ainda eram pequenas àquela altura.

Meu pai segurou os óculos contra a luz e, cuidadosamente, ajustou-os de volta no rosto.

“Me diga o que você quer que eu faça, Helen”, ele pediu, “e eu faço.”

Meu pai era médico. Para ele havia problemas e soluções, diagnóstico e cura. Para ele, preocupar-se era um desperdício.

“As pessoas estão em pânico”, disse minha mãe. “O que vai acontecer com o sistema de água e a rede elétrica? E o abastecimento de alimentos? E se todos abandonarem suas funções?”

“Tudo o que podemos fazer é não pensar nisso”, respondeu meu pai.

“Ah, é um bom plano”, devolveu minha mãe. “É um plano realmente excelente.”

Observei-a correr para a cozinha, os pés descalços estalando contra o piso. Escutei o abrir e fechar do armário das bebidas, o tilintar do gelo caindo no copo.

“Aposto que tudo vai ficar bem”, eu disse, tomada por uma urgência de dizer algo animador — aquilo saltou da minha garganta como uma tosse. “Aposto que tudo vai dar certo.”

Excêntricos e gênios surgiam em programas de entrevistas, brandindo trabalhos acadêmicos que as revistas científicas de renome haviam se recusado a publicar. Esses lobos solitários alegavam ter antecipado o desastre.

Minha mãe voltou para o sofá com uma bebida na mão.

Na parte inferior da tela da televisão, uma pergunta era alardeada em letras vermelhas. *O fim está próximo?*

“Ah, por favor”, disse meu pai. “Isso é puro sensacionalismo. O que diz

a televisão pública?” A questão se dissolveu no ar. Ninguém trocou de canal. Então, olhando para mim, ele disse à minha mãe: “Acho que ela não devia estar vendo isso. Julia, você não quer ir jogar bola?”.

“Não, obrigada”, respondi. Não queria perder nem um segundo do noticiário.

Eu tinha puxado meu moletom para baixo até os joelhos. Tony estava ao meu lado no tapete, com as patas esticadas e a respiração ofegante. Seu corpo era tão ossudo que dava para ver os nós da espinha dorsal dele. Chloe estava escondida debaixo do sofá.

“Vamos”, disse meu pai. “Vamos jogar bola.”

Ele foi buscar minha bola de futebol no armário do corredor e a apertou entre as mãos.

“Parece que está um pouco murcha”, disse.

Fiquei olhando enquanto ele manuseava uma bomba de ar como se fosse um de seus equipamentos médicos, inserindo a agulha com a precisão e o cuidado de um cirurgião e, em seguida, bombeando metodicamente, como se usasse um respirador, sempre esperando que um sopro inflasse toda a bola antes de forçar o próximo.

Meio a contragosto, amarrei as chuteiras e fomos para fora.

Ficamos tocando a bola em silêncio por um tempo. Eu ainda podia ouvir os apresentadores de tv tagarelando lá dentro. Suas vozes se misturavam ao som claro das pancadas de nossos pés contra a bola.

Os quintais vizinhos estavam desertos. Os balanços estavam imóveis feito ruínas. O trampolim dos gêmeos deixara de ranger. Minha mente vagava. Eu queria voltar para dentro de casa.

“Esse foi bom”, disse meu pai. “Um toque preciso.”

Mas ele não sabia muito sobre futebol. Chutava com a parte errada do pé. Meu passe seguinte foi forte demais e a bola desapareceu na madressilva em um canto do quintal. Depois disso, paramos de jogar.

“Está tudo bem com você, não está?”, ele perguntou.

Pássaros grandes começaram a circular no céu. Não pareciam o tipo de ave que voa nos subúrbios. Eram falcões, águias e corvos, cujas asas pesadas tinham mais a ver com as paisagens selvagens que ainda existiam a leste dali. Davam rasantes de árvore em árvore, seus gritos abafando o pio dos passariños que costumavam frequentar nosso quintal.

Eu sabia que os animais muitas vezes sentem perigos que os humanos não percebem e que tratam de fugir nos minutos ou horas que antecedem um tsunami ou um incêndio de grandes proporções, muito antes das pessoas. Eu tinha ouvido falar que os elefantes são capazes de arrebenatar correntes e seguir para terrenos mais altos. Serpentes chegam a percorrer quilômetros.

“Você acha que os pássaros sabem?”, perguntei. Podia sentir os músculos do meu pescoço se contraírem enquanto os observava.

Meu pai olhou para os pássaros, mas não disse nada. Um falcão pousou na copa do nosso pinheiro, bateu as asas e decolou novamente, seguindo a oeste, rumo ao litoral.

Lá de dentro, minha mãe nos chamou pela porta de tela: “Estão dizendo agora que isso pode afetar a gravidade”.

“Já vamos, só um minuto”, disse meu pai.

Ele apertou firme o meu ombro, depois inclinou a cabeça para o céu como um agricultor que prevê chuva. “Quero que você pense em como os seres humanos são inteligentes”, disse. “Pense em tudo o que já inventamos. Foguetes, computadores, corações artificiais. Nós resolvemos os problemas, entende? Sempre resolvemos os maiores problemas. É o que fazemos.”

Em seguida entramos, passando pelas portas envidraçadas e chegando ao piso de lajotas. Meu pai insistiu que limpássemos os pés no capacho — como se lembrar nossos rituais garantisse uma travessia segura — antes de voltar à sala, onde estava minha mãe. Mas, enquanto andávamos e ele falava, eu sentia que, embora o mundo permanecesse intacto até ali, tudo ao meu redor estava prestes a ruir.

As horas seguintes seriam de preocupação e espera. Faríamos suposições, imaginariamos e especularíamos. Aprenderíamos novas palavras e novos caminhos com os cientistas e porta-vozes desfilando em nossa sala, na tela da televisão e na internet. Vigiaríamos o sol no céu como nunca antes. Minha mãe bebia uísque com gelo num copo. Meu pai andava de um lado para o outro. Tentei ligar para Hanna, mas ninguém atendeu. O tempo correu diferente naquele sábado. O que se passara de manhã parecia ter ocorrido no dia anterior. No momento em que paramos para observar o sol se pôr atrás das colinas a oeste, tive a impressão de que vários dias haviam se passado naquele único, como se o dia tivesse se prolongado por mais do que uma única hora.

No final da tarde, meu pai subiu as escadas até o quarto e, em seguida, reapareceu trocado, de camisa e meias escuras. Balançava um par de sapatos nas mãos.

“Você vai a algum lugar?”, perguntou minha mãe.

“Entro às seis, lembra?”

Meu pai ganhava a vida trazendo bebês ao mundo, era especialista em partos de alto risco. Muitas vezes ficava de plantão, trabalhava no turno da noite do hospital e nos fins de semana.

“Não vá”, pediu minha mãe. “Hoje não.”

Lembro que tive esperança de que ela o convencesse a ficar, mas ele continuou a amarrar os sapatos. Meu pai gostava que os laços dos cadarços ficassem exatamente do mesmo tamanho.

“Eles vão entender se você não aparecer”, ela disse. “Está um caos lá fora, o trânsito, o pânico e tudo mais.”

Algumas das pacientes dele passavam meses no hospital só tentando segurar um bebê no ventre até que estivesse forte o bastante para sobreviver ao mundo.

“Por favor, Helen”, respondeu meu pai. “Você sabe que não posso ficar.”

Ele se levantou e bateu no bolso da frente. Ouvi o tilintar abafado das chaves.

“Precisamos de você aqui”, minha mãe disse. Ela encostou a cabeça no peito dele — meu pai era trinta centímetros mais alto do que ela. “Não queremos que você vá, não é, Julia?”

Eu também queria que ele ficasse, mas era uma especialista em diplomacia, como só uma filha única consegue ser.

“Querida que o papai não precisasse ir”, eu disse, com cuidado. “Mas se ele *tem* que ir..”

Minha mãe desviou a atenção de mim e, então, com uma voz mais suave, disse: “Por favor. A gente nem sabe o que está acontecendo”.

“Ora, Helen”, ele respondeu, passando a mão pelo cabelo dela. “Não seja tão dramática. Não vai acontecer nada entre hoje e amanhã de manhã. Aposto que essa coisa toda não vai dar em nada.”

“O quê?”, ela retrucou. “Como assim?”

Ele a beijou no rosto e, já no hall de entrada, acenou para mim. Então saiu e fechou a porta. Em seguida, ouvimos meu pai dar a partida no carro na garagem.

Minha mãe desabou no sofá ao meu lado. “Pelo menos você não vai me abandonar”, disse. “Vamos ter que cuidar uma da outra.”

Minha vontade era fugir para a casa de Hanna imediatamente, mas eu sabia que aborreceria minha mãe se saísse.

Vozes de crianças entravam na sala, vindas de fora. Dava para ver, através das cortinas, a família Kaplan andando pela calçada. Era sábado, o sabá, o que para eles significava que não podiam dirigir. Ali estavam os seis membros da família: o sr. e a sra. Kaplan, Jacob, Beth, Aaron e o bebê no carrinho. As crianças iam para a aula de religião, no norte da cidade, vestidas basicamente de preto, o que me fazia lembrar de personagens de filmes antigos, numa agitação de saias longas e calças escuras. Beth Kaplan tinha a minha idade, mas eu não a conhecia muito bem. Ela era reservada. Estava usando uma camisa de manga comprida, saia longa preta e reta, com sapatos de couro vermelho envernizado.

Pensei que aqueles sapatos eram sua única chance de se mostrar. Enquanto passavam em frente de casa e o filho menor colhia dentes-de-leão do nosso gramado, percebi que talvez ainda não soubessem da desaceleração.

Muito depois, Jacob me contou que eu estava certa: até o pôr do sol — quando terminava o sabá e a religião permitia que utilizassem a energia elétrica e assistissem à televisão — os Kaplan não sabiam que algo tinha mudado, que era um mundo diferente daquele em que nasceram. Para quem não tinha escutado a novidade, a paisagem parecia inalterada. Mais tarde isso mudou, claro, mas, naquele primeiro dia, a Terra ainda parecia a mesma.

Morávamos numa rua sem saída, num bairro de casinhas idênticas de estuque com teto e paredes de amianto, construídas na década de 1970 em lotes de pouco mais de mil metros quadrados. Uma oliveira retorcida ornava cada um dos jardins, a não ser por aqueles de onde tinha sido arrancada e substituída por uma árvore mais chamativa. Os jardins da nossa rua eram bem cuidados, mas não de modo obsessivo. Margaridas e dentes-de-leão pipocavam em meio à grama cortada. Arbustos com flores cor-de-rosa pendiam das laterais de quase todas as casas, tremulando ao vento.

Em mapas de satélite da época, a sequência de ruas sem saída parece ordenada e paralela, cada uma terminando num bulbo, como se fossem termômetros. A nossa rua era apenas uma na teia de ruas modestas encravadas no lado menos nobre de uma colina da costa californiana, cuja face mais cara dava para o oceano.

As manhãs eram ensolaradas naquele tempo. Nossas cozinhas davam para o leste. O sol entrava pelas janelas enquanto cafeteiras borbulhavam, chuveiros eram ligados, eu escovava os dentes ou escolhia uma roupa para ir à escola. As tardes eram frescas e cheias de sombra porque o sol se punha atrás das casas mais chiques, no topo da colina, uma hora antes de mergulhar no oceano, do outro lado. Naquele dia, esperamos pelo pôr do sol com uma expectativa diferente.

“Acho que se mexeu um pouco”, eu disse, apertando os olhos. “Com certeza está baixando.”

Ao longo de toda a rua, portas de garagem abriam, acionadas eletronicamente. Carros utilitários surgiam, carregados de crianças, roupas e cães. Alguns vizinhos formavam grupos, em pé e de braços cruzados, nos gramados na frente das casas. Todo mundo observava o céu, como se esperassem um espetáculo pirotécnico começar.

“Não olhe diretamente para o sol”, disse minha mãe, sentada perto de mim na varanda. “Vai estragar os olhos.”

Ela estava abrindo uma embalagem de pilhas que tinha encontrado numa gaveta. Três lanternas repousavam no chão ao lado, um pequeno arsenal de luz. O sol permanecia alto no céu, mas minha mãe já estava obcecada com a possibilidade de uma noite extraordinariamente longa.

À distância, no final da rua, vi minha antiga amiga Gabby sentada sozinha no telhado. Eu não a encontrava mais desde que seus pais tinham decidido transferi-la para uma escola particular numa cidade pequena vizinha à nossa. Como de costume, ela estava inteira vestida de preto. O cabelo, tingido de preto, destacava-se contra o céu.

“Por que ela pintou o cabelo daquele jeito?”, perguntou minha mãe, reparando em Gabby.

“Não sei”, respondi. Daquela distância, os três brincos pendendo de cada uma das orelhas dela não eram visíveis. “Acho que deu vontade.”

Um rádio tagarelava e zunia ao nosso lado. Estávamos ganhando mais minutos a cada hora. Já se discutia sobre o “limiar do trigo” — nunca entendi se o termo estava enterrado havia décadas nos glossários e manuais ou se fora inventado naquele dia, uma nova resposta a uma nova questão: quanto tempo as principais culturas agrícolas sobrevivem sem a luz do sol?

Minha mãe ligava e desligava as lanternas, uma por uma, testando os fochos na mão em concha. Tirou as pilhas velhas de cada uma e as substituiu por novas, como se recarregasse uma coleção de armas.

“Não sei por que seu pai não ligou”, ela disse.

Ela tinha levado o telefone sem fio para a varanda, e ali estava ele, silencioso, ao seu lado. Bebericou quieta. Lembro-me dela do jeito que era então, o som do tilintar do gelo, água escorrendo nas laterais do copo, desenhando anéis que se interceptavam no cimento.

Nem todo mundo entrou em pânico, claro. Sylvia, minha professora de piano, que morava do outro lado da rua, continuou normalmente a cuidar do seu jardim, como se nada tivesse acontecido. Observei-a ajoelhada na terra, calma, com a tesoura reluzente numa das mãos. Mais tarde, deu uma volta na quadra, caminhando lentamente, os tamancos ecoando na calçada, o cabelo vermelho escapando de uma trança feita depressa.

“Oi, Julia”, ela disse, aproximando-se do nosso jardim. Sorriu para minha mãe, mas não a chamou pelo nome. Elas tinham mais ou menos a mesma idade, mas Sylvia, ao contrário da minha mãe, ainda tinha um jeito jovem.

“Você não parece muito preocupada”, disse minha mãe.

“*Que sera sera*”, disse Sylvia. As palavras saíram num longo suspiro. “É o que eu sempre digo. O que tiver de ser, será.”

Eu gostava dela, mas sabia que minha mãe não. Sylvia era serena, frágil

e cheirava a perfume. Seus braços eram esguios como eucaliptos e muitas vezes carregavam joias robustas com turquesas, que ela tirava ao iniciar nossas aulas de piano para poder conversar mais intimamente com o teclado. Sempre tocava descalça.

“Ou talvez eu não esteja conseguindo pensar direito”, disse Sylvia. “Estou em pleno período de desintoxicação.”

“Desintoxicação?”, perguntei.

“Jejum”, ela explicou.

Sylvia se inclinou para me explicar, e ouvi minha mãe ligando e desligando as lanternas atrás dela. Acho que minha mãe ficou então constrangida pelo medo que demonstrava.

“Nada de comida, nada de álcool, só água. Por três dias. Tenho certeza de que sua mãe já fez isso.”

Minha mãe balançou a cabeça. “Eu não”, disse. Lembrei-me do drinque que ela estava bebendo, do copo suado ali na calçada, ao lado dela. Passou um tempo sem que nada mais fosse dito.

“Enfim”, disse Sylvia, começando a se afastar. “Não deixe essa situação toda atrapalhar os estudos, Julia. Veja você na quarta.”

Sylvia passaria as tardes seguintes podando rosas com um chapéu para se proteger do sol, arrancando ervas daninhas aqui e ali.

“Não é saudável ser assim magra”, disse minha mãe depois que Sylvia retomou sua jardinagem. (Minha mãe mantinha um guarda-roupa cheio de vestidos um tamanho menor que o dela, cobertos por um plástico, esperando pelo dia em que teria perdido os cinco quilos a mais dos quais se queixava havia anos.) “Dá para ver os ossos dela”, concluiu. E era verdade, dava mesmo.

“Olhe”, eu disse. “As lâmpadas da rua acenderam.”

Elas funcionavam com um temporizador, tendo sido projetadas para ligar ao entardecer. Mas o sol continuava a brilhar.

Imaginei as pessoas do outro lado do mundo, na China e na Índia, àquela hora amontoando-se como nós na escuridão e esperando — mas pela alvorada.

Mais minutos se passaram.

“Ele pelo menos devia nos avisar que chegou em segurança”, disse minha mãe. Ela telefonou novamente, esperou, pôs o aparelho de volta no chão.

Eu tinha ido ao trabalho do meu pai uma vez. Não aconteceu muita coisa enquanto eu estava lá. Mulheres grávidas viam televisão e comiam salgadinhos na cama. Meu pai fazia perguntas e verificava gráficos. Maridos rodeavam por ali.

“Eu não pedi para ele ligar?”, ela perguntou.

“Ele deve estar ocupado, só isso”, eu disse.

Notei a certa distância que Tom e Carlotta, o velho casal que vivia no fim da rua, estavam sentados do lado de fora: ele vestia uma camisa tie-dye e jeans, ela estava de sandálias, com uma longa trança grisalha jogada sobre o ombro. Eles ficavam sempre por ali ao entardecer, com cadeiras de praia na calçada, margaritas e cigarros nas mãos. A porta da garagem estava aberta atrás deles, os trilhos do trenzinho de brinquedo de Tom expostos como vísceras. A maioria das casas da rua já tinha sido reformada àquela altura — ou pelo menos tinha recebido alguma manutenção ou uma camada de verniz, como um dente velho —, mas a casa de Tom e Carlotta permanecia intocada, e eu sabia, das vezes que fora até lá vender biscoitos para o grupo de escoteiras, que o carpete original, cor de vinho, ainda forrava o piso.

Tom estava acenando para mim agora, com um drinque na mão. Eu não o conhecia bem, mas ele era sempre amigável. Respondi ao aceno.

Era outubro, mas parecia julho: o ar era típico do verão, o céu também, ainda iluminado apesar de serem mais de sete horas.

“Espero que os telefones estejam funcionando”, disse minha mãe. “Devem estar, não acha?”

Desde aquela noite, adquiri muitos dos hábitos da minha mãe: a agitação persistente da mente em torno de um único assunto, a baixa tolerância à incerteza. Assim como os quadris largos e as maçãs do rosto salientes, essas eram características que se manteriam dormentes em mim por alguns anos ainda. Naquela noite, eu estava sem paciência com ela.

“Você tem que ficar calma, mãe”, eu disse.

Finalmente, o telefone tocou. Ela atendeu apressada. Vi que se decepcionou com a voz do outro lado da linha. Passou o aparelho para mim.

Não era meu pai. Era Hanna.

Saí da varanda para o gramado com o telefone no ouvido, os olhos um pouco fechados por causa do sol.

“Na verdade não posso falar”, ela disse. “Só queria dizer que estamos indo embora.”

Eu conseguia ouvir as vozes das irmãs dela ecoando ao fundo. Podia imaginá-la de pé, no quarto que dividia com elas, as cortinas com listras amarelas que a mãe havia costurado, os bichos de pelúcia abarrotando a cama, os grampos de cabelo espalhados sobre a cômoda.

“Para onde você vai?”, perguntei.

“Utah.”

Ela parecia assustada.

“Quando você volta?”

“Não vamos voltar”, Hanna disse.

Senti uma onda de pânico. Tínhamos passado tanto tempo juntas naquele ano que os professores às vezes confundiam nossos nomes.

Conforme eu soube mais tarde, milhares de mórmons se reuniram em Salt Lake City quando a desaceleração foi anunciada. Hanna tinha me dito, uma vez, que a igreja apontara o exato ponto, em Utah, onde Jesus retornaria à Terra. Eles mantinham um silo de grãos gigante lá, ela explicou, para alimentar os mórmons quando chegasse o fim dos tempos. “Eu não devia dizer essas coisas porque você não é da nossa igreja. Mas é verdade.”

Minha família seguia um ramo sem graça do luteranismo — não guardávamos segredos nem tínhamos uma visão clara do fim do mundo.

“Você ainda está aí?”, ela perguntou.

Era difícil falar. Fiquei ali por um minuto, parada na grama, tentando não chorar.

“Você está se mudando pra sempre?”, perguntei, finalmente.

Ouvi, ao fundo, a mãe de Hanna chamá-la.

“Tenho que ir”, ela disse. “Ligo mais tarde.”

E desligou.

“O que ela disse?”, gritou minha mãe da varanda.

Um nó tinha se formado na minha garganta.

“Nada”, respondi.

“Nada?”, ela insistiu.

Lágrimas escorriam dos meus olhos. Minha mãe não viu.

“Queria saber por que papai não ligou”, ela insistiu. “Será que o telefone dele parou de funcionar?”

“Pelo amor de Deus, mãe”, eu disse. “Você só está piorando as coisas.”

Ela parou de falar e olhou para mim.

“Não seja impertinente”, retrucou. “E não fale ‘Deus’ em vão.”

Uma leve estática fez crepitar os alto-falantes do rádio, e minha mãe teve que achar a frequência de novo. Um especialista de Harvard estava falando: “Se continuar assim”, ele dizia, “pode ser catastrófico para as culturas agrícolas de todos os tipos, para o suprimento de alimentos no mundo todo”.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento.

Então, vindo de dentro da casa, ouvimos um súbito baque, o estalo de algo mole se chocando contra o vidro.

Pulamos as duas.

“O que foi isso?”, ela perguntou.

O inimaginável tinha sido imaginado, acreditávamos no inacreditável. Eu tinha a impressão de que o perigo estava à espreita em toda parte. Ameaças emergiam a cada ruído.

“Não me parece coisa boa”, eu disse.

Corremos para dentro. Não tínhamos arrumado nada e a cozinha estava um caos. Meu pão estava meio comido em um prato, exatamente onde eu o havia deixado oito horas antes, o cream cheese agora encrostado nas bordas. Um pote de iogurte tinha sido virado pelos gatos e lambido até ficar limpo. O leite ficara fora da geladeira. Percebi, então, que Hanna abandonara a camisa de futebol dela numa cadeira.

A origem do som, enfim, era um passarinho, um gaio azul. Tinha se chocado contra uma janela alta da cozinha e caído no quintal dos fundos, o pescoço fino aparentemente quebrado, as asas espalhadas de forma assimétrica ao redor do corpo.

“Talvez ele só esteja meio atordoado”, disse minha mãe.

Ficamos junto ao vidro.

“Acho que não”, eu disse.

A desaceleração, logo compreendemos, havia afetado a gravidade. A atração da Terra ficou um pouco mais forte. Corpos em movimento tinham menos probabilidade de se manter em movimento. Estávamos, tudo e todos, mais suscetíveis à atração do planeta. E talvez tivesse sido essa mudança nas leis da física que fizera aquele pássaro voar direto contra o vidro.

“Talvez a gente devesse recolher o corpo”, eu disse.

“Não quero você encostando nesse negócio”, disse minha mãe. “Papai pode resolver isso depois.”

E, portanto, deixamos o passarinho exatamente como estava. Trancamos os gatos pelo resto da noite.

Também deixamos a cozinha como a havíamos encontrado. Tinha sido reformada recentemente, ainda dava para sentir o cheiro de tinta no ar, mas esse odor químico se misturava com o de leite azedo. Minha mãe preparou outra dose: dois novos cubos de gelo estalaram e se acomodaram sob o uísque que vertia reluzente. Eu nunca tinha visto ela beber tanto num dia só.

Ela voltou para a varanda.

“Venha para cá”, ela disse. Mas eu estava cansada de ficar com minha mãe.

Em vez de segui-la, fui até meu quarto e fiquei estirada na cama por um tempo.

Vinte minutos mais tarde, o sol finalmente desceu atrás da colina, prova de que a Terra continuava a girar, ainda que mais devagar.

De madrugada o vento virou, soprando do deserto, e não do mar, e ficou mais forte. Ouviram-se uivos e guinchos. Lá fora, os eucaliptos resistiam e arfavam, e as estrelas cintilantes indicavam que o céu estava limpo de nuvens — aquele era um vento oco, que não trazia tempestade.

A certa altura, ouvi o ranger dos armários na cozinha, o chiado suave das dobradiças. Reconheci o arrastar de chinelos da minha mãe, um frasco de comprimidos sendo destampado e, em seguida, um copo se enchendo de água lentamente na pia.

Queria que meu pai estivesse em casa. Tentei imaginá-lo no hospital. Talvez ele estivesse trazendo bebês ao mundo naquele momento. Fiquei pensando o que poderia significar nascer justo naquela noite.

Em seguida as luzes da rua se apagaram, levando embora o brilho fraco que entrava no meu quarto. Normalmente isso indicaria o amanhecer, mas o bairro continuava submerso na escuridão. Era um novo tipo de escuridão para mim, espessa como no campo, desconhecida das cidades e dos subúrbios.

Saí do meu quarto e caminhei no escuro até o quarto dos meus pais. Por baixo da porta, podia ver a luz azulada e débil da televisão, que vazava sobre o carpete do corredor.

“Você também não consegue dormir?”, perguntou minha mãe quando abri a porta. Ela parecia encurvada e abatida na velha camisola branca. Feixes de rugas finas espalhavam-se por seu rosto a partir dos olhos.

Sentei na cama ao lado dela.

“Que vento é esse?”, perguntei.

Falávamos em voz baixa, como se alguém ainda estivesse dormindo ali ao lado. A televisão estava ligada no mudo.

“É só o vento de Santa Ana”, ela disse, acariciando minhas costas com a palma da mão. “É comum nessa época. Todo outono é assim, lembra? Isso, pelo menos, está normal.”

“Que horas são?”, perguntei.

“Quinze para as oito.”

“Já devia ser dia”, eu disse.

“E é”, ela disse. Mas o céu permanecia escuro. Nem sinal do amanhecer.

Dava para ouvir os gatos na garagem, agitados. Eu os escutava arranhar a porta e podia identificar o lamento persistente e indeciso de Tony. Ele estava quase cego por causa da catarata, mas eu era capaz de afirmar que até ele sabia que algo estava errado.

“Papai ligou?”, perguntei.

Minha mãe fez que sim. “Ele vai ficar mais um turno, porque algumas pessoas não apareceram para trabalhar.”

Ficamos sentadas por um longo tempo em silêncio, o vento soprando ao redor. A luz da tv tremulava nas paredes brancas.

“Quando papai chegar em casa, deixe que ele descanse, está bem?”, minha mãe pediu. “Ele teve uma noite muito difícil.”

“O que aconteceu?”

Ela mordeu o lábio e manteve os olhos na televisão.

“Uma mulher morreu.”

“Morreu?”

Eu nunca tinha ficado sabendo de uma mulher que morresse aos cuidados do meu pai. Para mim, parecia tão impossível uma mulher morrer no parto quanto de poliomielite ou pela peste negra, parecia algo que tinha sido erradicado por engenhosos monitores e máquinas, poderosos desinfetantes e mãos limpas, medicamentos, curas e a vasta extensão do conhecimento.

“Papai acha que isso jamais teria acontecido se estivessem com a equipe completa. Exigiram o máximo deles.”

“E o bebê?”, perguntei.

“Não sei”, ela disse, com lágrimas nos olhos.

Por alguma razão, foi bem ali, e não antes, que realmente comecei a me preocupar. Rolei na cama de casal, e o cheiro do perfume natural do meu pai veio dos lençóis. Queria que ele estivesse em casa.

Na televisão, uma repórter falava de algum deserto, o céu tingindo-se de rosa atrás dela. Eles vigiavam o nascer do sol como se fosse uma tempestade — tinha surgido no extremo leste de Nevada, mas ainda não havia sinal dele na Califórnia.

Mais tarde, eu pensaria naqueles primeiros dias como o momento em que, como espécie, nos demos conta de que tínhamos as coisas erradas: o buraco na camada de ozônio, o derretimento das calotas polares, o vírus do oeste do Nilo, a gripe suína e as abelhas assassinas. Mas acho que aquilo que preocupa mais nunca é o que acontece, no final das contas. As catástrofes reais são sempre diferentes — inimagináveis, desconhecidas, impossíveis de prever.